

#### 4. Experimento metacrítico

Como ressaltado no capítulo “Esboço para uma história social”, no qual foi abordada a experiência do teórico Hans Ulrich Gumbrecht no seu projeto *Em 1926*, o uso de documentos históricos e arquivos promovem uma relação intensa e direta com o passado do qual nos aproximamos. Eles são responsáveis por acionar nossos sentidos e intensificá-los através das sensações que nos causam. Esse movimento representifica o passado histórico, tornando-o próximo.

Como enfatizado na seção 2.2, Carlos Drummond costumava manter, organizar e classificar seu arquivo. Há, nesse hábito, uma compulsão que o compele a guardar e, ao mesmo tempo, que contribui para a construção de uma imagem pública e performática. A aproximação e convívio com os objetos pertencentes ao poeta, submersos em uma atmosfera referencial e histórica, cativaram e gerenciaram minhas escolhas para este trabalho. As cartas escritas e recebidas pelo poeta, assim como as entrevistas e a recepção crítica de seus textos por seus amigos e leitores foram utilizadas por evidenciarem a defesa da marca estilística de Drummond em seus escritos e arquivos. O livro *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema* (1967) foi fruto da compulsão arquivística do poeta por selecionar e manter sob sua guarda as críticas dirigidas ao poema “No meio do caminho”. O livro é composto pelos ataques e elogios que sofreu.

A disposição das críticas no livro ressalta duas posturas da crítica da época: de um lado os detratores do poema e de outro os defensores dele. A clara divergência, própria do horizonte de expectativas da época, levou Drummond a afirmar ser “o autor confesso de certo poema, insignificante em si, mas que a partir de 1928 vem escandalizando meu tempo, e serve até hoje para dividir o Brasil em duas categorias mentais”. (Andrade, 1967, p. 182)

O processo utilizado por Drummond nesse livro, que se configura como um experimento metacrítico a partir do qual o poeta eterniza uma parte de sua história intelectual, materializa certa atmosfera de humor, voltado para um retrato

caricatural e cômico da recepção do poema. Assim, serão apontados na próxima seção, os fatores responsáveis pela recusa dos aspectos semânticos, formais e ideológicos do poema, avaliando como o humor pretendido por Drummond não foi entendido por todos. Além disso, apontaremos, na seção 4.2 os aspectos que reforçam os ideais modernistas da época e, por isso, utilizados como exemplo das novas possibilidades poéticas.

#### **4.1 Os inimigos da pedra**

O poeta Carlos Drummond de Andrade editou, montou e organizou uma coletânea de críticas dirigidas ao poema “No meio do caminho”. Essas apreciações foram recolhidas e guardadas ao longo de pelo menos quatro décadas, e apenas em 1967 teve a ideia de reuni-las em um volume cuja proposta era apresentar a história recepional do poema, contendo variadas interpretações do mesmo. Ao fazê-lo Drummond mapeia o horizonte histórico do aparecimento de seu poema e oferece dados para possíveis leituras acerca da rejeição do mesmo desde a sua primeira publicação em 1928.

O poema inova e contraria a expectativa de um grupo de leitores situados historicamente e também os padrões da época entendidos como aceitáveis, passando a ser lido como exemplo negativo da poesia modernista. Ao mesmo tempo sua rejeição marca um momento de transição para novas possibilidades de compreensão do fazer literário. Hans Robert Jauss oferece, como já dito, ferramentas para a compreensão do impacto causado pelo poema no meio literário da época. A Geneton Moraes, Drummond relata:

Minha intenção era fazer apenas um poema monótono – sobretudo monótono – e com poucas palavras. Um poema repetitivo. Um poema chato mesmo. Uma brincadeira. Não tinha intenção de fazer uma coisa que agredisse o gosto literário nem também uma coisa que permitisse uma revolução estilística. (Andrade *apud* Moraes Neto, 1994, p.55)

Neste trecho de entrevista o poeta revela suas intenções ao escrever o poema. A entrevista foi concedida num momento em que o poeta já estava

consagrado como grande escritor da literatura brasileira. Desse modo, por um processo de recuperação da memória, Drummond avalia a condição do poema, revelando sua intenção em escrever um poema monótono e repetitivo, que “não agredisse o gosto literário”. Embora revele seu incômodo por ter sofrido tantas interpretações insultuosas, é importante observar que o poema permitiu “uma revolução estilística”, colocação esta que contribui para o argumento utilizado nesta dissertação acerca do orgulho de Drummond em relação ao poema.

O poema possui elementos capazes de contrariar o ambiente de sua produção, porque utiliza uma temática entendida como imprópria para a poesia. Além disso, a repetição de versos em demasia era considerada um procedimento que empobrecia o poema. Esses elementos foram os responsáveis por causar justamente a quebra do horizonte de expectativas ao contrariar o gosto dos críticos da época, assim como reforçou os interesses dos que defendiam mais liberdade na escrita.

Esta seção dedica-se a apresentar algumas das críticas negativas dirigidas ao poema e exemplificadoras da frustração das expectativas de seus leitores. Elas revelam as leituras caricatas ao poema, representificando esse passado por meio do entendimento dos críticos do poema e do humor causado. Cada nova crítica suscitaria outras mais, e falar do poema tornou-se um vício.

[...] Hoje não se rima. Um cabra vai pela rua, tropeça por exemplo numa casca de banana, papagueia a coisa umas quatro ou cinco vezes e pronto! Está feito um poema:

*Eu tropecei agora numa casca de banana.  
 Numa casca de banana!  
 Numa casca de banana eu tropecei agora.  
 Cai para trás desamparadamente,  
 E rasguei os fundilhos das calças!  
 Numa casca de banana eu tropecei agora.  
 Numa casca de banana!  
 Eu tropecei agora numa casca de banana!*

GONDIN DA FONSECA, “Contra-a-mão. Os nossos atuais gênios poéticos”. *Correio da Manhã*, Rio, 26-8-1938

(Andrade, 1967, p. 33)

Essa crítica, relacionada à monotonia e repetição dos versos, utiliza a paródia. Esse procedimento mostra o modo cômico e debochado com que o poema algumas vezes foi recebido. Pela simplicidade temática e repetição abundante dos mesmos versos, o poema foi interpretado como expressão máxima do que os modernistas representavam para parte da sociedade da época.

Os dois trechos seguintes revelam críticas mais irritadas com a proposta do poema:

O SR. CARLOS DRUMMOND de Andrade é o autor do célebre poema da pedra no meio do caminho. Lembram-se?

[Segue-se a transcrição de "No meio do caminho".]

Eu é que tenho uma velha conta a ajustar com o autor dessa alucinante idéia fixa, publicada em primeira mão na falecida *Antropofagia*, e que nessa época quase leva à cova um velho e querido amigo meu, pondo-lhe os nervos em frangalhos com a sua irritante originalidade. Por êsse quase malefício fiquei querendo mal ao poeta e não lhe perdôo.

ANDRADE QUEIROZ, "Livros". *Diário de Notícias*, Pôrto Alegre, 27-7-1930

(Andrade, 1967, p.43)

bas. Ainda ontem à tarde, quando descia do seu elegante cabriolé, o sr. Drummond foi vítima de um apedrejamento revoltante. O sr. Orico, do 14.º andar do Edifício Rex, pôs-se a maltratar aquele conhecido trovador, jogando sôbre o seu respeitável crânio pequenas pedras curubas. Enfim, a polícia deve intervir nesse assunto de magna importância para os destinos da nacionalidade. É de recear-se, caso as incompatibilidades aumentem de tensão, que os calçamentos da cidade sejam desastrosamente maltratados. E estamos em plena época do turismo!

JOEL SILVEIRA, "Aconteceu nesta semana..." *D. Casmurro*, Rio, 4-2-1939

(Andrade, 1967, p.35)

Os dois trechos abaixo, por sua vez, enfatizam os aspectos formais e os conteúdos rejeitados em função do horizonte de expectativas da época. Como contrariava os valores estéticos mais comuns daquela época, era comum que o poema provocasse reações.

Não é exato. O poeta é que botou uma pedra no caminho dos outros!...

A grande virtude dêste poema é que êle pode ficar na primeira quadra, as outras, sendo iguais à primeira dispensam o resto da transcrição, donde resulta uma economia de papel, tinta e imaginação.

Lendo-o, a gente experimenta a verdade daquele conceito enunciado nos conhecidos versos da paremiologia popular:

*Em Guimarães  
prendem-se as pedras  
e soltam-se os cães.*

Infelizmente, não é só em Guimarães que isso acontece. É em toda parte, como se vê pela amostra.

Parecendo sem importância, esta pescaria feita na obra dos mais graduados representantes da lirica moderna, tem ao menos uma utilidade: é provar que, em matéria de poesia, longe de avançarmos, voltamos à idade da pedra...

O. O. [OSWALDO ORICO] "Uma pedra no sapato da Poesia". *Careta*, Rio, 14-1-1939

(Andrade, 1967, p. 34)

No caminho tinha uma pedra. Mulata boa. Vida gozada. "Me dá um beijo". Que alegria de chorar. O bonde esmagou o moleque de piche. O cachorro latiu. A gente tem fome. "Pra que trabalhar". Vou pegar o trem. Já vou tarde e fora de hora. Tudo é assim. As flôres murcharam. O céu é azul. "Que besteira, néga Fulô".

São êsses os versos futuristas, sem ritmo nem métrica nem rima. Chulos e desconexos. Qual a filosofia que tanto falam dêsse amontoado de palavras e frases vazias? Simples e desconcertante prosa, cujo sentido se perde no ar pulverulento.

F. M., "Escolas e estudantes. Futurismo e nihilismo". *O Imparcial*, Rio, 13-11-1946

(Andrade, 1967, p. 100)

No primeiro trecho observa-se o incômodo do leitor por sentir os limites de sua compreensão testados, declarando que "o poeta é que botou uma pedra no caminho dos outros". Ao mesmo tempo, ressalta que o trabalho do leitor fica facilitado com a nova arte, pois o leitor "pode ficar na primeira quadra" o que "resulta uma economia de papel, tinta e imaginação". Outro ponto revelador do modo de pensar da época fica implícito quando o crítico adverte que "em matéria de poesia, longe de avançarmos, voltamos à idade da pedra". A articulação entre o primeiro e o segundo trecho destacados revela sintonia no modo de pensar da época no que se refere à crença de que a poesia modernista era vazia e desconexa. No segundo trecho, por exemplo, essa afirmação é mais evidente. Nele o autor

funde caoticamente frases e adverte que “são esses os versos futuristas, sem ritmo nem métrica nem rima. Chulos e desconexos”.

O próximo trecho trata da própria temática do poema, reforçando que o substantivo ‘pedra’ não seria matéria de poesia:

O sr. Carlos Drummond é difícil. Por mais que esprema o cérebro não sai nada. Vê uma pedra no meio do caminho, — coisa que todos os dias sucede a tôda gente (mormente agora que as ruas da cidade inteira andam em consêrto) e fica repetindo a coisa feito papagaio.

*Tinha uma pedra no meio do caminho.  
No meio do caminho tinha uma pedra!  
Tinha uma pedra!*

Homem! E não houve uma alma caridosa que pegasse nessa pedra e lhe esborrachasse o crânio com ela?

GONDIN DA FONSECA, “Contra-a-mão. Se os ovos fôssem baratos...”. *Correio da Manhã*, Rio, 9-7-1938

(Andrade, 1967, p. 32)

Se esse patusco morasse aqui para as minhas bandas não compunha apenas uma breve poesia: elaborava um longo poema em vinte ou trinta cantos, pois o material de sua inspiração é nesta zona abundantíssimo depois que a Light deliberou transformar as ruas em escombros a fim de mudar os trilhos dos bondes. Há pedra no caminho que não acaba mais! Dezenas, centenas, milhares! Os poetas antigos eram muito mais interessantes que a maioria dos de hoje. Ainda anteontem, domingo, eu reli, deliciado, alguns versos encantadores de Luís Delfino e dei depois uma boa gargalhada quando mentalmente os comparei à pedra do Drummond.

(Andrade, 1967, p. 32-33)

Esse recorte enfatiza duramente a questão da temática utilizada pelo poeta, ressaltando que a matéria da poesia de Drummond é simples e fácil: “se morasse aqui para minhas bandas não compunha apenas uma breve poesia”.

Em oposição a esse pensamento, outros autores defendiam uma revitalização temática capaz de dar mais liberdade à escrita, apelando, inclusive para sensações. Paulo Rónai faz essa defesa, no trecho que segue, enfatizando que para o poeta pouco importa “a qualidade da experiência ou do tema, só lhe importando a intensidade da sensação:

“No meio do caminho” provocou reações tão violentas como, em seu tempo, “O piano preto”, do nosso Ady. Tornou-se a pedra de escândalo da nova literatura brasileira aos olhos dos inimigos do modernismo, incapazes de perceber que, além do objetivo de *épater le bourgeois*, esses poucos versos tinham outro conteúdo mais importante: enfastiado pelo brilho da poesia tropical, o poeta liga pouco à qualidade da experiência ou do tema, só lhe importando a intensidade da sensação.

PAULO RÓNAI, “Diário brasileiro. Encontro com um grande poeta brasileiro”. Trad. do artigo “Braziliai napló. Találkozás egy nagy brazil költővel”, publicado in *Kultura*, S. Paulo, X.1952

(Andrade, 1967, p. 47)

Na crítica seguinte, fica evidenciado o tipo de arte a que os leitores estão acostumados. A rejeição ao poema também se dá por ele não ser concebido dentro de padrões estabelecidos naquele momento para a arte.

O soneto é a mais interessante forma da poesia clássica, infinitamente acima das aviltantes tolices com as quais o bloco de pedra na cabeça e não no caminho, como dizem por aí, de pedra na cabeça e na mão que apedreja o Belo, pretende desmoralizar e anular as nossas sagradas tradições artísticas, o que me parece caso de cadeia, porque não é justo nem admissível a impunidade de tão monstruosos crimes!

OSCAR QUEIROZ, “À margem de uma questão de estética”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 11-9-1948

(Andrade, 1967, p. 45)

Alguns exemplos presentes na biografia do poema utilizam crítica direta e mordaz, como a que se segue:

Dizem que todo o homem é mais ou menos visível. Não creio. O Sr. Galileu Saraiva, por exemplo, que o diga. Já o Sr. Carlos Drummond de Andrade, que consta ter aparecido numa sessão espírita para explicar o poema da pedra no meio do caminho, faria inveja ao próprio personagem de Wells, pois não tem necessidade de ingerir uma droga violenta para sutilar-se. O esforço dele é no sentido de inventar outra droga que o torne visível. Ainda não conseguiu.

GATO FÉLIX [Moacir Andrade], “Um assunto delicado”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 1934

(Andrade, 1967, p. 31)

A popularidade do poema e as muitas reações sofridas contribuíram para torná-lo um “escândalo da vida literária. No trecho abaixo, o crítico ressalta tal fato:

Quando há alguns anos atrás o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou aquele poema “No meio do caminho”, estava longe de imaginar que com isso provocaria um dos mais discutidos “escândalos” da vida literária. O poema foi comentado nos jornais, em casa e na rua. Outros, porém, aproveitaram a oportunidade e disseram o diabo do poeta. E até hoje quando alguém não gosta da poesia do sr. Carlos Drummond logo enche a boca com aquela célebre “pedra no caminho”.

José CONDÉ, “Vida literária. De todos os quadrantes”. *Correio da Manhã*, Rio, 31-8-1947

(Andrade, 1967, p.45 )

## 4.2

### Ideia fixa: os amigos da pedra

Não foi apenas de inimigos e de críticas negativas que a história recepcional do poema foi construída. Muitos utilizaram esse poema como forma de ressaltar os ideais da então arte nascente. Para estes “amigos da pedra”, tudo o que contrariasse o gosto que vigorava na época era passível de ser valorizado. O poema “no meio do caminho” é o mais forte exemplo disso, pois foi capaz de promover discussão durante considerável período de tempo.

Os defensores das propostas modernistas ressaltavam a inovação do poema. A temática utilizada era um incômodo para os mais tradicionais, como se viu. Para os modernistas, no entanto, a valorização de temas não contemplados pela poética até então, era desejada. Bandeira, no trecho abaixo, elogia o poema de Drummond:

O poeta contumaz é aquele que sabe extrair matéria lírica de qualquer acidente da vida. Como o Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, que a saca tanto de um acontecimento social como a resistência espantosa de Stalingrado, quanto de uma simples pedra encontrada no caminho.

MANUEL BANDEIRA, "Ainda os bissextos".  
A Manhã, Rio, 17-4-1943. Repr. in *Poesia e Prosa*, Rio, Aguilar, 1958, 2.º vol.,  
p. 1299

(Andrade, 1967, p. 96)

Outro crítico defende que Drummond teria “produzido a sua obra prima” ao utilizar a pedra em uma poesia.

Bela descoberta essa da pedra no caminho! Quem não tem encontrado pedras no seu caminho? Eu tenho encontrado muitas, e dado tremendas topadas. De resto tôda a gente as encontra e dá topadas, exceto, talvez, os aviadores, o que, aliás, não impede que caiam sobre elas de ponta-cabeça. Entretanto, ninguém pensou ainda em converter em verso êsse fato corriqueiro. Sômente o sr. Carlos Drummond de Andrade teve a felicidade de, num lance genial de inspiração, produzir a sua obra prima...

MAÉRCIO, "Reticências...". *O Serrano*,  
Serra Negra (S. Paulo), 21-7-1946

(Andrade, 1967, p. 39)

Manoel Bandeira escreveu um poema intitulado “Os sapos”, fazendo referência à arte bem trabalhada dos parnasianos. As críticas modernistas se voltavam enfaticamente para o tradicionalismo que pregavam, e para as recusas ao verso livre. A crítica a seguir reflete sobre essa oposição de ideias:

A saparia vivia na calma do seu brejo quando, inesperadamente, surgiu o poeta de Itabira e lhe recitou o poema da pedra. Enfurecidos, e esquecidos da fábula do sapo que quis alcançar o céu, atiraram-se os sapos contra a pedra no meio do caminho.

O resto da aventura é complicado. A pedra continua no mesmo lugar. Mas, a clã dos sapos também não se extingue. Morre um sapo, logo surge outro, disfarçado, de rabinho, e depois de várias transfigurações, investe contra a pedra, e assim acontecerá até a consumação dos séculos.

Que destino!

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, "Os sapos  
contra Drummond". *Correio Paulistano*,  
31-10-1943

(Andrade, 1967, p. 44)

O referido trecho faz comparações importantes sobre as divergências próprias da época, e a aceitação e recusa do poema. Carlos Drummond de Andrade manifestou-se várias vezes na tentativa de defender o poema, tanto é que reservou na biografia da pedra uma seção intitulada “O poema visto pelo autor”, na qual responde às críticas que sofreu:

Mas confesso-lhe que me surpreendi ao ver surgir ao lado da minha modesta e atacada “pedra no meio do caminho” um soneto que lhe interpreta e desenvolve o sentido. Porque a referida pedra — vou usar de toda a franqueza — não tem sentido algum, a não ser o que lhe dão as pessoas que a atacam e com ela se irritam. É uma simples, uma pobre pedra, como tantas que há por aí, nada mais. O poema (se assim se pode chamar) em que ela aparece não pretende expor nenhum fato de ordem moral, psicológica ou filosófica. Quer somente dizer o que está escrito nêle, a saber, que havia uma pedra no meio do caminho, e que essa circunstância me ficou gravada na memória. Como vê, é muito pouco, é mesmo quase nada, mas é o que há.

C.D.A., Carta a Laudionor A. Brasil. Rio,  
29-3-1944 (v. pág. 174)

(Andrade, 1967, p. 182)

Além das críticas que organizou e selecionou para compor a biografia do poema, Drummond discutiu em outros meios a história dessa mágoa, como em jornais nos quais trabalhou. Em 1º de novembro de 1977, em matéria para o *Jornal do Brasil*, Drummond escreve o texto intitulado “A pedra mineira do modernismo”, no qual estende a discussão sobre o “No meio do caminho”; nele lemos as palavras do poeta:

Mais de uma vez me disserem: ‘Engraçado, eu pensava que o senhor fosse débil mental, mas agora, vendo que providencia o andamento dos processos e faz as coisas normalmente, vejo que me enganei. Desculpe: foi por causa da pedra no caminho<sup>13</sup>.

E emenda a discussão dois dias depois, em 03 de novembro do mesmo ano, no artigo “O soneto que explicava a pedra”:

De todas as zombarias, de todo o barulho produzido por ele tirei a lição evidente. O renome literário pode fundar-se nas circunstâncias mais

<sup>13</sup> Cf. Recorte reproduzido em anexo

caprichosas e menos relevantes. Passei boa parte da vida apontado como autor de um único poema de 10 versos<sup>14</sup>.

O gesto de reunião do extenso material revela uma tarefa cuja pretensão máxima parece girar em torno da ideia de conferir ao poema não apenas uma história a ser contada, uma biografia, mas ao mesmo tempo enseja a própria micro(auto)biografia do poeta, já que se constitui como a história da trajetória intelectual de Drummond, pontuando basicamente o princípio de suas atividades como escritor, bem como os seus círculos de afinidades e desafetos.

Ao recolher, selecionar e editar as críticas dirigidas ao “No meio do caminho”, textos estes eleitos como os mais representativos para compor a biografia de seu poema, Drummond passa a atribuir a ele certa autonomia em relação a sua própria figura, dando a entender que a “obra” existe para além de quem a escreveu. Mas o poeta não se livra de deixar transparecer uma ambigüidade: ao mesmo tempo em que torna seu poema independente de sua figura autoral, atribuindo a ele uma biografia capaz de sublinhar sua história recepcional, tanto o poema quanto as críticas suscitadas por ele acabam por apontar incessantemente para a figura do poeta, transformando-se em uma ressonante música para Drummond.

O poema da pedra teve seus versos musicados por Francisco Mignone em 1938. Nessa interpretação musical, Mignone recorre à monotonia e à lentidão descritas por Drummond como procedimentos utilizados no momento da criação do poema. Segue a partitura da canção baseada no poema “No meio do caminho” e presente no livro *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*.

---

<sup>14</sup> Idem.

2

## No meio do caminho

Poesia de Carlos Drummond de Andrade Música de Francisco Mignone  
(1938)

*Lento e monotono* *filosofo*

No me.io do ca.  
mi. nho ti. nha u. ma pe. dra ti. nha u. ma pe. dra no me. io do ca. mi. nho ti. nha u. ma  
pe. dra no me. io do ca. mi. nho ti. nha u. ma pe. - dra.  
Nun- ca me es- que- re- ri de- se- acon- te- ci- men- to na vi- sta de mi- nhas re-.

\*) Declamando com mesotonia porém sem tristeza

*Composição de Francisco Mignone, apresentada em primeira audição pela cantora  
Nair Duarte Nunes, na Escola Nacional de Música, em 22-8-1938*

(Andrade, 1967, p. 49)